

Reflexões sobre as modalidades de estudo na educação a distância: benefícios e limitações

Reflections on the modalities of study in distance education: benefits and limitations

*Reflexiones sobre las modalidades de estudio en educación a distancia:
beneficios y limitaciones*

Simone Cristina Mussio¹

Resumo: Este artigo tenciona refletir sobre os benefícios e limitações entre as modalidades de ensino do e-learning, b-learning e m-learning, assim como propor uma reflexão sobre as práticas pedagógicas realizadas neste meio on-line em comparação com o meio presencial. Busca-se, assim, conceituar cada uma das modalidades descritas, a partir de um estudo exploratório e bibliográfico, mostrando as possíveis vantagens e desvantagens de suas aplicações. Desse modo, verifica-se que é preciso ponderar sempre a qualidade do processo de ensino-aprendizagem, uma vez que cada modalidade sempre vai ter seus prós e contras. Para isso, é importante considerar as especificidades do curso a ser ministrado, ou seja, suas disciplinas, seu conteúdo ou mesmo o público a que ele é destinado. Para que determinada modalidade funcione realmente, mais do que somente o uso das tecnologias, é necessário considerar as necessidades e o engajamento de cada participante.

Palavras-Chave: Educação a distância. E-Learning. B-Learning. M-Learning.

Abstract: This article intends to reflect on the benefits and limitations between e-learning, b-learning and m-learning teaching modalities, as well as to propose a reflection on the pedagogical practices carried out in this online medium compared to the classroom environment. The aim is to conceptualize each of the modalities described, based on an exploratory and bibliographic study, showing the possible advantages and disadvantages of its applications. Thus, it is necessary to always consider the quality of the teaching-learning process, since each modality will always have its pros and cons. For this, it is important to consider the specificities of the course to be taught, that is, its subjects, its content or even the audience for which it is intended. In order for a particular modality to work, more than just the use of technologies, it is necessary to consider the needs and engagement of each participant.

Keywords: Distance education. B-Learning. E-Learning. M-Learning.

Resumen: Este artículo pretende reflexionar sobre los beneficios y limitaciones entre las modalidades de enseñanza del e-learning, b-learning y m-learning, así como proponer una reflexión sobre las prácticas pedagógicas realizadas en este medio online en comparación con el medio presencial. Se busca, así, conceptualizar cada una de las modalidades descritas, a partir de un estudio exploratorio y bibliográfico, mostrando las posibles ventajas y desventajas de sus aplicaciones. De ese modo, se verifica que es necesario ponderar siempre la calidad del proceso de enseñanza-aprendizaje, ya que cada modalidad siempre va a tener sus pros y contras. Para ello, es importante considerar las especificidades del curso a ser impartido, es decir, sus disciplinas, su contenido o incluso el público al que se destina. Para que determinada modalidad funcione en realidad, más que solamente el uso de las tecnologías, es necesario considerar las necesidades y el compromiso de cada participante.

Palabras Clave: Educación a distancia E-Learning. B-aprendizaje. M-aprendizaje. Reflexiones.

1 Doutora em Linguística, Professora na Faculdade de Tecnologia (FATEC) de Jahu/SP.

INTRODUÇÃO

Como, atualmente, a sociedade absorve novos comportamentos muito mais rapidamente em razão da intensa globalização, os conhecimentos são difundidos instantaneamente em todo o mundo. Logo, em meio a tantas informações e inovações, é necessário que tenhamos fôlego para acompanhar as mudanças desse fluxo. Por isso, as instituições de ensino devem estar atualizadas para acompanhar intensivamente as mudanças que ocorreram e continuam ocorrendo na sociedade. Como novas mídias surgem todos os dias, posicionar-se contrário a elas torna-se inviável. A crescente oferta em Educação a Distância (EaD), assim como as inúmeras ferramentas virtuais e modalidades de aprendizagem, por exemplo, demonstram essa demanda.

A Educação a Distância, como toda novidade, tem, de fato, possíveis desvantagens em relação ao ensino presencial; no entanto as vantagens podem ser muito maiores. Tendo em vista esses novos tempos, em vez de apontarmos limitações às novas tecnologias instauradas no âmbito educacional, devemos observar sempre seus pontos positivos, já que partimos do pressuposto de que essa é a nova realidade. Desse modo, estabelecer comparações entre as diferentes modalidades de ensino não deve ser uma forma negativa de observar tais práticas educacionais, mas sim um modo de potencializarmos distintas formas de interagirmos com as novas mídias.

A Sociedade da Informação, através de uma rede dinâmica e mutante de informações, promove inúmeras relações de ensino-

aprendizagem e convida-nos a uma intensa reflexão de nossa práxis como educadores. Mediada pela cibercultura², a aprendizagem se dá em distintos contextos e de diversas maneiras. Modalidades como e-learning e b-learning, já vistas e utilizadas por muitos usuários, concorrem agora também com uma aprendizagem, muitas vezes, dirigida pelo próprio estudante, que, em busca de autonomia e habilidade de entender e utilizar a informação por meio de múltiplas fontes e formatos, volta-se para o uso de dispositivos móveis, caracterizando uma nova modalidade de ensino: o m-learning.

A metodologia aplicada neste artigo baseia-se em um estudo exploratório e bibliográfico. Segundo Andrade (1997), este tipo de pesquisa contempla o levantamento de informações em livros, teses, anais de eventos, sites especializados, etc., com o objetivo de oferecer embasamento teórico para a compreensão de diversas situações existentes em diferentes âmbitos da sociedade, bem como promover dados e informações para a resolução de problemas. Assim, esperamos que este trabalho possa se constituir como suporte para um melhor entendimento das questões que permeiam os diversos tipos de modalidades de educação existentes na atualidade, principalmente no tocante à EaD.

Neste contexto, buscamos, neste artigo, refletir sobre inúmeras questões que envolvem essas novas modalidades de aprendizagem, de maneira a traçarmos limites e aproximações entre as modalidades do e-learning, b-learning e m-learning, bem como incutir a reflexão de temas contíguos relacionados à EaD, mas, ao mesmo tempo, tão controversos, os quais se fazem presentes em um mundo cada vez mais globalizado.

2 Tal vocábulo foi designado para rebatizar e propiciar novas características ao que se chamava até então de "esfera de dados". Para a definição de cibercultura, segundo Lévy (1999), faz-se, então, necessário identificar o meio da sua criação, no qual ela emerge e se transforma: o ciberespaço (AUTOR, 2016). A cibercultura, produzida neste espaço, não tem um conteúdo particular, mas adere a inúmeros conteúdos ao mesmo tempo, promovendo qualquer indivíduo a produtor ou "emissor" de novas informações. Para Lévy (1999), a cibercultura insere uma nova forma a um novo tipo de universal, o universal sem totalidade.

2 REFERENCIAL TEÓRICO: LIMITES E APROXIMAÇÕES ENTRE O E-LEARNING, B-LEARNING E M-LEARNING

Inovar modelos de ensino e formação é um imperativo do mundo contemporâneo; logo, a busca de informações e formações a distância, pautando-se nas modalidades do e-learning, b-learning e m-learning, tem crescido exponencialmente, de maneira a promover ofertas significativas de cursos, através de vários níveis de ensino e contextos de aprendizagem.

Em decorrência de tais mudanças do mundo atual, o conceito de aprendizagem se modifica desencadeando adaptações não apenas por parte dos usuários de tais tecnologias, mas do próprio “e-formador” ou “e-tutor”, o qual se obriga a munir-se de conjuntos de competências específicas, que transpassam a capacidade de adaptação e flexibilidade consagrada no perfil atual do formador, exigindo-lhe também um “know-how”³ próprio e uma maestria específica, alocando, assim, novos cenários de ensino-aprendizagem. Por essa razão, com o propósito de abarcarmos tais questões, iniciemos uma lacônica análise de cada modalidade de aprendizagem, segundo postulados de vários autores.

2.1 O E-LEARNING

O e-learning, do inglês electronic learning, também conhecido por ensino eletrônico, refere-se a um modelo de ensino não presencial suportado por tecnologia. Trata-se, portanto, de um modelo de ensino/aprendizagem assentado no ambiente on-line, o qual se aproveita das capacidades da Internet para comunicação e distribuição de conteúdos. O cerne desta metodologia é baseado na separação física entre o instrutor e o instruído durante grande parte do processo

instrucional, mas com atividades que reduzam a sensação de isolamento do aluno.

A conceitualização de e-learning, segundo Monteiro; Barros e Leite (2015), é marcada por diferentes variáveis que se entrecruzam e influenciam em sua classificação. Logo, tais autores o denominam como um processo de mediação on-line, que presume o desenvolvimento de competências cognitivas, sociais e pessoais, segundo a interação em um ambiente virtual de aprendizagem planejado de acordo com os modelos pedagógicos que os sustentam.

Já de acordo com os dizeres de Miranda (2002, p. 39), o e-learning é definido como um “[...] amplo espectro de atividades de aprendizado e treinamento, que inclui abordagens mistas e novos modelos de entrega em sala de aula alavancados pelo poder da tecnologia”. Rego Jr (2001, p. 222), por sua vez, já o denomina como “o aprendizado remoto com a utilização de algum meio de comunicação. Hoje com o advento e popularização da Internet, podemos simplificar o conceito, dizendo que e-learning é o aprendizado via Internet”.

Nesse sentido, sendo o e-learning uma modalidade totalmente a distância, ela oferece possíveis vantagens, como, por exemplo, oportunizar um maior número de alunos e uma diversificação na oferta de cursos; permitir uma maior flexibilidade de tempo e lugar para organizar o ritmo de estudo; favorecer a participação de pessoas de lugares distintos; ter como centralidade as necessidades dos alunos, promover uma rápida atualização dos conteúdos, assim como uma personalização dos conteúdos transmitidos; possuir custos menores quando comparados à formação convencional; suscitar a possibilidade de acompanhamento detalhado da participação dos alunos; reduzir custos logísticos e administrativos (deslocamentos, alimentação, etc.) e desencadear o desenvolvimento de

3 Know-how é uma expressão inglesa que designa literalmente "saber como". Logo, trata-se de um conjunto de conhecimentos práticos adquiridos por um profissional ou empresa, que promove para si vantagens competitivas.

capacidades de autoestudo e autoaprendizagem.

Entretanto, em nossa visão, algumas de suas desvantagens podem se resumir a problemas técnicos relativos à internet, o que impossibilita o acesso aos serviços ou a dificuldades de adaptação à ferramenta e ao ambiente digital. Somado a isso, uma vez que o ensino se dá somente de maneira virtual, há também uma maior cobrança não apenas dos professores-tutores responsáveis pela mediação de determinado curso, mas também da própria formulação e diversificação dos materiais disponibilizados, para, assim, promover uma maior atenção e motivação dos alunos. Em contrapartida, é necessário que se tenha também a exigência de maior disciplina e auto-organização por parte do alunado, pois ao estudar “sozinho”, ao traçar e projetar as rotas de seu próprio tempo, distancia-se da existência de cumplicidades e vínculos relacionais que o processo de interação presencial permite, promovendo, assim, possíveis limitações no desenvolvimento da socialização do aluno.

No que tange aos custos de sua implantação, sabe-se que o preço da estrutura para o desenvolvimento de programas de e-learning é alto; logo, nem todas instituições têm possibilidades para difundirem cursos nesta modalidade, sem contar que, em razão das limitações já traçadas anteriormente, tem-se também um alto nível de evasão, causado pelas dificuldades dos alunos em se adequarem a essa “nova realidade”.

Todavia, enquanto, há pouco tempo, a percepção que os indivíduos tinham deste tipo de ensino era quase uma opinião dominante de que a qualidade dessa metodologia era insuficiente, esse cenário tem mudando significativamente, apontando para um caminho oposto, onde empresas, universidades e governo têm investido em cursos do tipo EaD.

2.2 O E-LEARNING

O b-learning, ou blended learning, é uma

modalidade de aprendizagem derivada do e-learning e refere-se a um sistema de formação em que a maior parte dos conteúdos é transmitida em curso a distância, contudo, integra situações presenciais, por isso a origem da designação blended, algo misto, heterogêneo, combinado. Sendo caracterizado como uma modalidade mista de aprendizado, pode ser estruturada através de atividades síncronas ou assíncronas, no entanto seu viés assíncrono é diluído principalmente nos momentos em que encontros presenciais são realizados.

Esse modo misto de aprendizagem é definido por Singh & Reed (2001) como uma coalizão entre ensino online e ensino offline; o primeiro se dá através da Internet ou Intranet e o segundo em sala de aula. Para distintos pesquisadores, como Singh (2003), Graham (2004) e Duhaney (2007), a modalidade b-learning ocorre através da combinação de variados meios de comunicação utilizados para completar e propiciar a aprendizagem. Este conceito endossa a ideia de aprendizagem como um processo dinâmico.

Ao combinar essas duas modalidades, presencial e online, os autores pressupõem que os estudantes obtenham vantagens por poderem aprender por meio de distintas formas. Para Hemphill (2006), o b-learning ocorre por meio de experiências educacionais que integram a aprendizagem presencial a tecnologias. Moran (2007), ao referir-se a modelos híbridos, postula que em um futuro não muito longínquo os cursos presenciais se tornarão, de modo progressivo, semipresenciais, fazendo com que a presencialidade se funde com a virtualidade. E o autor estava certo, uma vez que, há mais de uma década após a veiculação de tal afirmação, grande parte dos cursos presenciais, principalmente os de ensino superior, já tem a possibilidade de promover uma porcentagem de sua grade curricular a distância.

Logo, tendo em vista suas especificidades, de acordo com distintos

autores, vemos que o b-learning tem como ponto positivo favorecer a socialização e o contato humano, já que abrange meios síncronos e assíncronos de aprendizagem, permitindo a exploração de diferentes métodos e técnicas, o que oportuniza uma diversidade na formação do aluno. Nesse contexto, busca também melhorar a integração pessoal entre os participantes, com consequente troca de experiências, estimular dinâmicas coletivas, bem como favorecer a capacidade de avaliação dos alunos, em situações ao vivo, especialmente quando o objeto da formação envolve performance de relacionamento e postura do aluno frente ao público ou à própria instituição de ensino, haja vista que seu caráter presencial oportuniza uma possível humanização entre estabelecimento de ensino e alunos.

Suas desvantagens, porém, são atinentes à questão geográfica, pois esta fica comprometida em razão da necessidade de participação em encontros presenciais, assim como à desvalorização do trabalho on-line em detrimento das atividades desenvolvidas nos encontros presenciais; à necessidade de organizar turmas presenciais, para redução de custos, com datas definidas, podendo limitar o acesso de alunos individuais que queiram estudar programas de forma independente e com prazos mais flexíveis, como no caso do e-learning; ao limite ao acesso de alunos individuais que pretendam estudar programas de forma independente e com horários flexíveis; a uma possível desvalorização do professor on-line em detrimento de uma maior valorização do professor presencial.

2.3 O M-LEARNING

O m-learning, de mobile learning, ou aprendizagem móvel, é uma das modalidades do e-learning também. Refere-se a uma modalidade que explora o uso de tecnologias móveis. Todavia, a tarefa de definir o termo m-learning não é tão simples, pois muitos

estudiosos têm diferentes pontos de vista sobre esse conceito. Vejamos:

De acordo com os pesquisadores Berge e Muilenburg (2013), ainda não existe um conceito bem definido sobre o m-learning. Há, porém, possíveis definições advindas da literatura, como o que foi postulado por O'Malley et al. (2003), ao considerar que este modo de aprendizagem se dá sem que o aluno tenha um local fixo de estudo, mas que utilize para aprender as tecnologias móveis que lhe são oferecidas.

Já, de acordo com Saccol (2010, p. 25), o m-learning trata de

processos de aprendizagem apoiados pelo uso de Tecnologias da Informação ou comunicação móveis e sem fio, e que tem como característica fundamental a mobilidade dos aprendizes, que podem estar fisicamente/geograficamente distantes uns dos outros e também de espaços formais de educação, tais como salas de aula, salas de formação, capacitação e treinamento ou local de trabalho.

Por sua vez, Lin et al. (2012, apud AHMED e PARSONS, 2013) discorre sobre a tecnologia móvel, mas atrelada ao âmbito escolar. O autor comenta sobre essa modalidade, através da junção do m-learning ao ensino presencial, como uma oportunidade dos alunos em aumentar o engajamento entre eles, gerando a motivação durante a aprendizagem. Mas como podemos ver, este tipo de tecnologia confere uma mobilidade no processo de aprendizado não apenas situada em um mesmo espaço físico, mas principalmente em outros tipos de contextos. Segundo Moura (2010), tal formato surgiu como forma de "modernizar" processos formais e informais de ensino.

Desse modo, podemos dizer que tal modalidade promove a diversidade de aplicações e metodologias (complementando o b-learning), além de incentivar a participação e a comunicação, assim como maximizar o tempo de estudo do aluno, já que

este pode acessar o material de estudo, através de dispositivos móveis (celulares, tablets, laptops, tv, entre outros) de qualquer lugar onde esteja; e em razão de ser um tipo de “ensino recente”, também favorece o incentivo à pesquisa em ambientes empresariais e centros acadêmicos.

Seus pontos negativos, no entanto, podem aludir às dificuldades de acesso devido a distintas plataformas (nem todas responsivas), bem como a suas limitações ergonômicas (telas pequenas, ausência de teclados, etc.). É válido lembrar que em se tratando de tecnologias móveis, também pode ocorrer o excesso de informações, sem que o usuário consiga processá-las para uma utilização eficiente; somado a isso, pode-se ter um impacto na qualidade de vida das pessoas, já que esta tecnologia possibilita a ruptura da fronteira entre a vida pessoal e a vida profissional, fazendo com que estas se interliguem cada vez mais.

Uma vez apresentados seus limites e aproximações, vemos que o e-learning, b-learning e m-learning não são métodos de ensino excludentes; pelo contrário, a coexistência permitida entre eles pode proporcionar um maior desenvolvimento educacional. Nos dias de hoje, há a possibilidade de utilizá-los de acordo com as necessidades tanto de professores quanto dos alunos. As intencionalidades, tanto docente quanto discente, devem ser expostas para que o método a ser escolhido seja adequado ao contexto educativo em que ambos se inserem.

3 REFLEXÕES SOBRE AS DISTINTAS MODALIDADES DE ENSINO

Muitos são os pontos de vista sobre as modalidades de ensino presentes na contemporaneidade. E é justamente em razão dessa infinidade de preceitos e discursos sobre tais formas de ensino que buscamos, nesta seção, provocar possíveis reflexões sobre tais práticas de estudo.

O e-learning, por exemplo, é um tipo de modalidade, muitas vezes, questionada, pois

como tudo é postado on-line, parte muito do aluno ter o esforço em buscar os conteúdos, fazer leituras, questionar e pesquisar. Apesar da facilidade na disponibilização de materiais pelos recursos tecnológicos oferecidos nas plataformas de ensino, muitos cursos nessa vertente ainda se preocupam somente em “disponibilizar”, facultando-lhes um caráter interativo, dialógico e atuante.

Pensando nas formas de como o ensino é apresentado ao aluno, há também aqueles que creem que o b-learning tem uma proposta mais firme de orientação educacional, na medida em que se pode debater os materiais disponibilizados on-line em algum momento presencial, bem como realizar avaliações diagnósticas sobre a qualidade dos materiais e a funcionalidade do sistema, a fim de direcionar a postura do professor e dos próprios alunos. Nesse sentido, muitos veem o b-learning como uma modalidade que potencializa uma aprendizagem multitarefa, a qual para realizar-se necessita de adaptações feitas nos próprios cursos a serem oferecidos em EaD.

No entanto, quando se menciona sobre as variedades de modalidades de ensino, tendo em vista que diversos cursos proferidos na modalidade presencial são agora ministrados de modo on-line, não se pode esquecer da necessidade de adaptações feitas não apenas no sistema, o qual suportará uma plataforma de ensino, mas sim nos materiais ali disponibilizados.

Pode-se observar que grande parte dos cursos EaD apresentam materiais em formato de textos, disponibilizados em arquivo pdf. Esse era o diferencial de muitos cursos EaD: apresentação do material em arquivos no formato pdf, trabalhos a serem entregues por e-mail ou pela própria plataforma, além de discussões em fóruns. Não havia muita criatividade. E para que haja criatividade é preciso que o professor reformule o conteúdo de seus cursos, contudo, isso demanda tempo e suporte. Se não houver um engajamento do professor e aluno, a experiência pode não ser muito rica.

Assim, deve haver também um forte estímulo para que o professor reformule as atividades propostas e, quando possível, até mesmo o formato das próprias aulas, pois como o ensino se dá por outros moldes, as práticas devem também ser diferentes. Passar uma abundante quantidade de textos aos alunos e pedir tarefas a eles a partir disso, pode-se tornar ações totalmente desmotivantes, afetando, inclusive, o próprio interesse de dar continuidade ao curso proposto. Uma vez que grande parte das estratégias educacionais são alteradas em razão do novo suporte propiciado pela EaD, também se faz necessária uma reformulação na própria maneira de concepção, gestão e condução das aulas.

Entretanto, há também outros fatores que podem contribuir para possíveis limitações na EaD. Como tudo passa também pelo interesse em se aprender sobre algo, ainda que a internet e os mais modernos suportes tecnológicos deem mobilidade ao estudo, a resistência e a desistência dos alunos podem ser grandes. As maiores desvantagens – somadas às formas como muitos materiais são também veiculados em ambiente eletrônico – estão postas na recepção do público. A educação deve vir atrelada ao preparo do usuário, para que este encare a tecnologia como um meio pelo qual se aprende, e não como um meio capaz de minimizar seus esforços cognitivos.

Mas apesar da grande disseminação de cursos a distância, vemos também que o número de pessoas que abandona determinado curso sem justificativa ainda é bastante elevado. Talvez, isso se dê em razão de um comportamento discente que, tendo em vista outros compromissos, renega a segundo plano cursos oferecidos virtualmente, principalmente aqueles que não demandam custos, ou seja, são ofertados gratuitamente.

Entretanto, não cabe aqui discutirmos motivos que levam à adoção de tais ações, mas quiçá seja interessante pensarmos no desenvolvimento de discursos motivacionais que impulem o aluno a priorizar os

conhecimentos adquiridos virtualmente, pois, afinal, um bom aluno não é o que faz as atividades de determinado curso, motivado por pontos positivos ou uma nota elevada, mas aquele que reflete acerca de suas próprias práticas e que busca o conhecimento para sua evolução, para o seu aprendizado, para que o conteúdo apreendido o capacite em suas atividades pessoais e/ou profissionais. A questão da motivação neste ambiente é tão importante, pois, se continuarmos ainda praticando apoios insustentáveis a sistemas vazios de avaliação, acabaremos criando sujeitos alienados e motivados apenas por recompensas.

4 INQUIETAÇÕES SOBRE COMO MENSURAR O ENSINO EM EAD

Afunilando as discussões travadas até aqui, resolvemos discorrer, neste item, sobre as dúvidas e inquietações que permeiam este tipo de ensino, não com a pretensão de fornecer respostas rápidas e superficiais sobre o assunto, mas sim tecer distintas explicações sobre estes novos moldes de ensino, já que estes se fazem tão presentes em nossa realidade.

Pensemos, então, nas seguintes indagações: Até que ponto os alunos vão realmente ler o conteúdo e aprender ou só vão fazer determinado curso de maneira automática para se ter um certificado? Na EaD, cabe ao professor-tutor a responsabilidade de “vigiar” e “exigir” do seu aluno? O aluno de EaD deve ser mais focado e determinado do que um aluno de ensino presencial?

Apesar de dúvidas como essas serem tecidas a todo o momento, respostas definidas e garantidas são difíceis de serem tiradas à prova. Por esse motivo, resolvemos refletir sobre possíveis sugestões que possam auxiliar na reflexão de tais questionamentos. Vamos a elas.

Quando questionamos o comportamento dos alunos através da modalidade on-line, um fato que não podemos deixar de levar em

consideração é que é o comprometimento deste aluno que está sendo posto à prova, não necessariamente as formas de avaliação, sendo elas de um curso presencial ou a distância. Assim, é muito comum que alunos optem por este tipo de ensino por pensarem justamente em apenas “cumprir” o que foi proposto e obter, o mais rápido possível, o seu certificado.

E o que acontece, muitas vezes, é que grande parte dos alunos ainda acreditam que um curso EaD pode ser mais fácil ou simples com relação a um presencial. Mas, ao se depararem com a grande quantidade de informações e conteúdos dispostos em determinados cursos, não conseguem administrar todas as suas atribuições e, muitas vezes, acabam desistindo.

Tendo em vista a atenção dispensada nos conteúdos a serem apreendidos, há muitos alunos de cursos presenciais que durante um debate ou explicação do professor em sala de aula não ouvem ou praticam efetivamente o que o professor diz. Não refletem sobre os conteúdos abordados, nem participam, assiduamente, das discussões ou trabalhos produzidos in loco. Logo, a falta de participação e comprometimento do aluno não deve ser um problema da EaD, e sim um problema da educação, independente da modalidade.

A motivação para aprendizagem e a noção de responsabilidade e compromisso podem sim serem influenciadas pelo professor, mas grande parte dela é inerente ao aluno e, possivelmente, não é a modalidade de ensino que pode modificar significativamente isso. Em resumo, existem alunos que se comprometem ou não, tanto em EaD quanto no ensino presencial, e é preciso considerar que o professor em nenhuma das duas modalidades consegue ter um efetivo controle sobre isso.

Logo, podemos pensar que o comprometimento (ou a falta dele) está também inserido nas distintas modalidades de ensino. Um aluno que somente responde, superficialmente, as questões exigidas em seu curso e não busca interagir ou se aprofundar nos conteúdos disponibilizados para o seu

próprio aperfeiçoamento pode ser comparado àquele mesmo aluno que copia o trabalho do amigo na aula e o entrega ao professor somente com o intuito de garantir a execução do trabalho e garantir a nota no fim do semestre. Mas como no ensino presencial há uma interação física, a ponto de, na própria aula, o professor poder trabalhar aspectos relacionados à postura do aluno, a comportamentos e à sua própria conscientização em aprender, na EaD é também, de suma importância trabalhar este tipo de reflexão.

Acreditamos que o estímulo mais direto e imediato no cumprimento das tarefas e participação nas discussões possa gerar mais interesse e engajamento com a disciplina ministrada no ensino presencial. Já na EaD, esse contato, geralmente, é feito pelo professor-tutor em mensagens de boas-vindas, como no próprio desenvolvimento e acompanhamento de todo o curso. Desse modo, devemos tomar cuidado com as informações veiculadas, no que tange aos problemas oriundos de interpretações e/ou escrita, ao distanciamento dos alunos, bem aos seus acessos durante o curso. Por ser um modelo relativamente novo, devemos compreendê-lo e vivenciá-lo para que novas abordagens sejam pensadas. Como ainda a maioria dos professores leciona na modalidade presencial, tal fato pode dificultar o raciocínio certo em relação ao ambiente virtual.

Todavia, fiquemos atentos. É preciso que também mensuremos qual a falta de comprometimento que os alunos possam vir a ter nos ambientes virtuais. Não participar da discussão de um fórum pode ser comparado a não entrega de um exercício avaliativo? A partir desses exemplos, devemos pensar que, assim como no ensino presencial, sempre haverá alunos que participarão pouco das aulas, mas nem por isso podem ser tachados como descomprometidos.

Na EaD, a falta de participação de um aluno pode ser equiparada como “descompromisso”?

Para essa resposta, talvez devêssemos também pensar em graus de comprometimento. Será que não participar de um fórum é tão grave como não entregar um trabalho avaliativo ou fazer uma prova? Como tudo é mensurável, é complexo resolvermos questões através de simplistas generalizações. Por esse mesmo motivo, é que propomos que trabalhem com reflexões, em que há o espaço para o diálogo, sem respostaspré-definitivas.

O b-learning, por exemplo, ao unir o virtual e o presencial é uma forma interessante de mesclar a aprendizagem e a própria atenção e interação presente entre os alunos, pois estes podem buscar informações, a fim de esclarecer possíveis dúvidas, através de várias formas (presencial e a distância). No entanto, se pensarmos na questão da locomoção, da necessidade de estar presencialmente em determinado local para a complementação de tal curso, nem todos podem matricular-se ou estarem presentes fisicamente em possíveis aulas e/ou reuniões. Então, ficamos em uma encruzilhada: montar um curso através do e-learning e agregar mais pessoas ou formulá-lo do modo b-learning e abarcar possivelmente aquelas mais próximas do lugar onde as aulas (reuniões, palestras, etc.) serão ministradas?

Ademais da modalidade escolhida, outra questão é pensarmos também no tipo de curso que será ministrado de forma on-line: Um curso de menor duração? Uma graduação a distância? Uma pós-graduação? A finalidade e o público-alvo são fatores importantíssimos para refletirmos o seu modo de execução. Além disso, se o curso é gratuito, muitas vezes, é uma tendência do participante em ser um pouco mais desprezado, com um nível de interação menos intenso, uma vez que, como não necessitará desembolsar um valor pelo curso adquirido, o seu tempo de estudo pode se estender, sem cobranças financeiras. No entanto, cabe ressaltar que sempre há exceções. Nesse sentido, essas são apenas algumas particularidades, e não desejamos promover uma pretensa generalização dos fatos mencionados.

Com relação à metodologia de ensino em ambientes virtuais, acreditamos que seja fundamental redimensionar a metodologia comumente oferecida, de modo a contemplar atividades desafiadoras. Ou seja, mais importante do que o conhecimento e o domínio tecnológico por parte de professores e alunos, é a sua utilização, de maneira didática e pedagógica, que deve incentivar a interatividade no momento da mediação. Entretanto, o que mais vemos são modelos enraizados de educação que se engessam em um modo de ser aluno e professor, com os quais a tecnologia não conversa. Assim, ainda que muitos professores e alunos tenham acesso às tecnologias educacionais, a maneira como estes lidam com isso é muito conservadora. Mesmo que determinada instituição de ensino seja "conectada", muitas, ainda, continuam lidando com a reprodução de conhecimentos e tecendo avaliações e atividades através dos mesmos modos de sempre.

Logo, devemos refletir como o uso das TIC (Tecnologias de Informação e Comunicação) pode auxiliar o trabalho pedagógico, dinamizando-o. Afinal, resultados positivos não estão relacionados apenas à inclusão de diversos recursos no processo ensino-aprendizagem, mas aos modos de utilização dessas ferramentas. Recursos devem, portanto, fomentar o aprendizado qualitativo, pautado, sobretudo pela autonomia do educando, por isso, além da adaptação dos materiais didáticos, deve-se atentar para a qualificação profissional.

Pode ser proveitoso pensar sobre os conteúdos formulados, ponderar os riscos de simplificação, além de trazer materiais que não demandem muito tempo de leitura (pode ser que determinados textos não sejam estimulantes). Um texto (vídeo, música, animação, etc.) ou um case de sucesso bem escolhido, através de devidos direcionamentos ao tema, como ponto de partida, podem surtir reflexões enriquecedoras. Apesar do uso da tecnologia

no processo educacional ainda ser, teoricamente, recente, seja através do e-learning, b-learning ou m-learning, o que não se pode perder de vista é a inclusão e o estímulo dado aos alunos, de modo que estes se sintam incluídos e estimulados a participarem sempre.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os métodos de ensino-aprendizagem passam, atualmente, por grandes revoluções devido às necessidades de locomoção e tempo que muitos alunos enfrentam; logo, torna-se necessário criar mecanismos que possibilitem continuidades do aprender. Contudo, para isso, é preciso ponderar sempre a qualidade do processo de ensino-aprendizagem, considerando que cada modalidade tem seus prós e seus contras, evidentemente.

Desse modo, sempre existirão alunos que aproveitarão bem um curso a distância, mediados ou não por tecnologias móveis, enquanto outros se sairão melhor em cursos semipresenciais, e outros ainda em cursos totalmente presenciais. Cada aluno deve desenvolver melhor sua aprendizagem, segundo suas próprias condições físicas, geográficas, financeiras, etc.

É claro que um curso a distância (mas não só) depende muito (muito mais) do interesse e da motivação do usuário em fazê-lo, assim como da qualidade do curso, do professor-tutor e do seu conteúdo, sendo, assim, estimulante e agregador (não redundante, repetitivo ou óbvio). Tais fatores são componentes extremamente determinantes para o seu sucesso. Todavia, todas as modalidades podem ser aproveitadas no processo de ensino-aprendizagem, desde que cada ser individualmente pondere o que é melhor para si. O problema, porém, é que nem sempre o estudante que entra em um curso tem o discernimento disso. Então, nesse momento, é que se faz importante o esclarecimento das vantagens e desvantagens de cada uma dessas modalidades, como as que

trazemos neste artigo, de forma que os futuros participantes possam fazer suas escolhas de maneira consciente.

É preciso sempre pensar que não é porque é bonito, inovador ou revolucionário que significa que seja a melhor forma ou o melhor método. É necessário que se considere sempre as especificidades de determinado curso ministrado, as suas disciplinas, o seu conteúdo, o público-alvo a que determinados cursos são destinados, dentre inúmeros outros fatores, para que possamos, sim, comemorar o uso das novas tecnologias, mas comemorar o uso consciente das possibilidades de seu aproveitamento, conforme as necessidades de cada usuário.

REFERÊNCIAS

AHMED, S.; PARSONS, D. **Abductive science inquiry using mobile devices in the classroom. Computers & Education**, n. 63, p. 62–72, 2013.

ANDRADE, M. M. de. **Introdução à metodologia do trabalho científico**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1997.

BERGE, Z. L.; MUILENBURG, L. Y. **Handbook of mobile learning**. New York: Routledge, 2013.

DUHANEY, D. C. **Learning in education, training, and development**. Disponível em: www.ispi.org. Acesso em: 17 jul. 2017.

GRAHAM, C. R. Blended learning systems: definition, current trends, and future directions. Chapter 1.1 to appear in: BONK, C.J.; GRAHAM, C.R. (Eds.). **Handbook of blended learning: global perspectives, local designs**. San Francisco: Pfeiffer Publishing, 2004.

HEMPHILL, L. **Distributed learning: definitions we can use**. December, 2005.

Disponível em: <http://tepservers.ucsd.edu/courses/tep290/fa05/finalpapers/sdlcFinalLibrary.pdf>. Acesso em 17 mai. 2018.

LÉVY, P. **Cibercultura**. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 1999.

MIRANDA, P. R. **E-learning aqui e agora**. T&D – Desenvolvendo Pessoas, São Paulo, ano X, ed. 119, p. 34-41, nov. 2002.

MONTEIRO, A.; BARROS, R.; LEITE, C. Lifelong learning through e-learning in european prisons: rethinking digital and social inclusion. INTED2015 Proceedings. Madrid: **IATED, 2015**. p. 1038-1046.

MORAN, J. M. **Os modelos educacionais na aprendizagem on-line, 2007**. Disponível em: <http://www.eca.usp.br/prof/moran/modelos.htm>. Acesso em 20 de jun. 2018.

MOURA, A. **Apropriação do Telemóvel como Ferramenta de Mediação em Mobile Learning: Estudos de Caso em Contexto Educativo**. Braga: Universidade do Minho, 2010.

O'MALLEY, C.; VAVOULA, G.; GLEW, J.; TAYLOR, J.; SHARPLES, M.; LEFRERE, P. **Guidelines for learning/teaching/tutoring in mobile environment**. MOBIlearn Deliverable, n. 4, 2003.

REGO JR, Luiz Carlos Moraes. e-Learning. In: BOOG, Gustavo G. (Coord.). **Manual de treinamento e desenvolvimento: um guia de operações**. São Paulo: Makron Books, 2001, p. 221-233.

SACCOL, A. Z., SCHLEMMER, E., BARBOSA, J.; HAHN, R. **M-learning e U-learning: novas perspectivas da aprendizagem móvel e ubíqua**. São Paulo: Pearson Education, 2010.

SINGH, H. Building effective blended learning programs. **Issue of Educational Technology**, n. 43, v. 6, p. 51-54, 2003.

SINGH, H.; REED, C. **A white paper: achieving success with blended learning**. Centra software, 2001. Disponível em: <http://www.leerbeleving.nl/wbts/wbt2014/blendce.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2017.

Recebido em 24 de setembro de 2019

Aceito em 07 de janeiro de 2020